

# Crónica do Dia

[www.hojeemmocambique.org](http://www.hojeemmocambique.org)**ERNESTO TIMBE****SANGA:**

## GOVERNO LOCAL SERVIU-NOS UM "CAFÉ" FRIO, SEM AÇÚCAR E SEM PRESENÇA

**E**ra para ser um daqueles dias em que a cidadania se senta à mesa, com chávena na mão e esperança no coração. O Café Cidadão prometia ser isso mesmo: um espaço de conversa entre governo e comunidade, com direito a escuta activa, propostas concretas e, quem sabe, uma bolacha para adoçar o diálogo. Mas em Sanga, o café foi servido frio. Sem açúcar. E sem presença.

Às 8h30, tudo estava pronto para o evento que começaria às 9h. O governo local tinha confirmado presença com aquele entusiasmo institucional que dura até ao primeiro toque de telemóvel ignorado. E ignorado foi. O telefone tocava como quem acredita que do outro lado há alguém. Mas não havia. Ou havia, mas não atendia. E depois, como num truque de desaparecimento digno de mágico sem cartola, os números ficaram offline. Desligaram-se da rede, da responsabilidade e da cidadania.

O Café Cidadão, que deveria ser encontro, virou chávena vazia. O Manifesto Cidadão, que deveria ser escuta, virou monólogo. E nós, que esperávamos por vozes, recebemos apenas o eco da ausência. A ausência não foi apenas física. Foi institucional, simbólica e profundamente reveladora da distância entre quem governa e quem é governado.

Mas a saga não começou ali. Um dia antes do café arrefecer, já se sentia o cheiro da ausência. Estava previsto o Conselho Cidadão, esse espaço onde a cidadania deixa de ser teoria e passa a ser prática. O evento, parte essencial do Manifesto Cidadão, deveria começar às 14h, mas só arrancou às 15h30. Não por falta de chaves

s. Sim, as chaves da sala prometida pelo governo desapareceram. Talvez tenham ido tomar café noutro lado. Talvez tenham sido vítimas de um sequestro simbólico. O certo é que não apareceram.

Mas não nos demos por vencidos. Mudámos de sala, mudámos de plano, mas não mudámos de propósito. O encontro realizou-se numa escola próxima, onde entre carteiras e quadros, a cidadania encontrou espaço para se expressar. E foi aí que Sanga falou. Falou com coragem, com clareza e com urgência.

A comunidade expôs os seus problemas sem rodeios. Falou-se da água potável, que continua a ser um luxo em muitas zonas. Há famílias que percorrem quilómetros para encher bidões, enquanto o direito à água permanece apenas no papel. As vias de acesso estão em estado crítico: buracos, lama, pontes improvisadas com tábuas e fé. A circulação de pessoas, bens e serviços é um desafio diário. Em época de chuva, torna-se um verdadeiro teste à resistência humana.

Nas escolas, faltam carteiras, faltam professores, faltam condições mínimas para ensinar e aprender. Nos centros de saúde, os medicamentos básicos são escassos, os profissionais estão sobrecarregados e os equipamentos, quando existem, estão obsoletos. Os agricultores enfrentam dificuldades no escoamento da produção, sem estradas, sem apoio técnico, sem mercados acessíveis. E os jovens, esses, continuam à espera. À espera de oportunidades, de formação, de emprego, de políticas que os incluam e não apenas os mencio-

nem em discursos.

Sanga falou. E falou alto. Falou com a dignidade de quem já esperou demais. Falou com a firmeza de quem sabe que o silêncio não resolve nada. E falou com a esperança de que alguém, em algum gabinete, esteja disposto a ouvir. Verdadeiramente ouvir. E a agir.

Ao governo local de Sanga: que não se limite a confirmar presenças por telefone. Que não desapareça quando mais se precisa dele. Que não trate a cidadania como café solúvel: rápido, descartável, sem corpo. Que esteja presente, não apenas em cerimónias, mas nos momentos em que a comunidade se reúne para construir soluções. Que assuma o compromisso de escutar, responder e transformar.

Às organizações da sociedade civil: que reforcem o seu apoio às comunidades locais, que ajudem a amplificar estas vozes, que estejam ao lado dos cidadãos quando o Estado falha. Que continuem a criar espaços de participação, formação e mobilização.

Aos cidadãos de Sanga e de todo o país: que não desistam de falar. Que continuem a transformar o silêncio em palavra e a palavra em acção. Que exijam presença, respeito e compromisso. Que façam da cidadania um exercício diário, mesmo quando o café é servido frio.

Agradecemos à comunidade de Sanga pela coragem de falar sobre a água que não chega, sobre os caminhos que não ligam, sobre os serviços que não servem. Pela coragem de fazer do Conselho Cidadão um espaço de verdade, mesmo quando o governo decide não aparecer.

Porque, no fim, o café pode até vir frio. Mas a cidadania, essa, continua quente. E exige ser servida com dignidade.